

ANAIS DO  
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES  
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E  
COMÉRCIO**

VOLUME II

XXXV  
Coleção da *Revista de História*  
sob a direção do Professor  
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil  
1971

## RELAÇÃO ENTRE A VEGETAÇÃO E O POVOAMENTO NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS (SP) (\*).

**ANTÔNIO CRISTOFOLETTI**  
da Universidade Católica de Campinas

O município de Campinas, compreendendo na atualidade uma área de 790 km<sup>2</sup>, tem a sede localizada na latitude de 22°53'21" S e longitude de 47°04'39" W, e faz divisas com os municípios de Jaguariuna, ao norte, Pedreiras, a nordeste, Itatiba, a leste, Valinhos, a sudeste, Jundiá e Indaiatuba, ao sul, Monte Mor, a sudoeste, Sumaré, a oeste, e Paulínia, a noroeste. Atravessado pelos rios Atibaia e Capivari, pertence à alta bacia do Rio Piracicaba. Tomando como base a divisão regional do Estado de São Paulo proposta pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, o território campineiro está incluído no Planalto Atlântico, na sub-região ocupada pela Mantiqueira, embora a maior parte de sua área seja formada por terrenos sedimentares (Monbeig, 1946). Levando-se em consideração a divisão geomorfológica proposta por *Fernando F. M. de Almeida* (1964), o leste e o nordeste do município de Campinas fazem parte da zona Cristalina do Norte, enquanto as porções sul e ocidental se incluem na zona do Médio Tietê.

Quando da elaboração da nossa tese de doutoramento (*Christofolletti*, 1968) tivemos oportunidade de entrar em contacto com os problemas relacionados com o povoamento da área campineira. Verificamos que o grande fator condicionante da ocupação territorial foi a cobertura vegetal e, aproveitando a realização do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, desejamos expor as nossas singelas observações a propósito das relações entre a cobertura vegetal e o povoamento no município de Campinas.

a). — *A cobertura vegetal*. A cobertura vegetal original da região campineira era representada por matas e cerrados. Nesta área

---

(\*) . — Conferência pronunciada no dia 2 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

“terminava o primeiro trecho de mata densa do Planalto Atlântico e se iniciava uma área cujo revestimento botânico era uma mescla de cerrados, cerradões e capões de mata” (*Ab'Saber e Bernardes, 1958*).

Este contraste paisagístico, cujos limites precisos são difíceis de definir, repercutiu no nome da freguesia aí instalada em 1772 — Nossa Senhora da Conceição de Campinas de Mato Grosso. Em 1765, o Morgado, quando escolhia Francisco Barreto Leme para ser o fundador e administrador da nova povoação, expedia ordens para

“povoar as ditas terras das campinas do Matto de Judiahy” (in Plínio do *Amaral, 1955*).

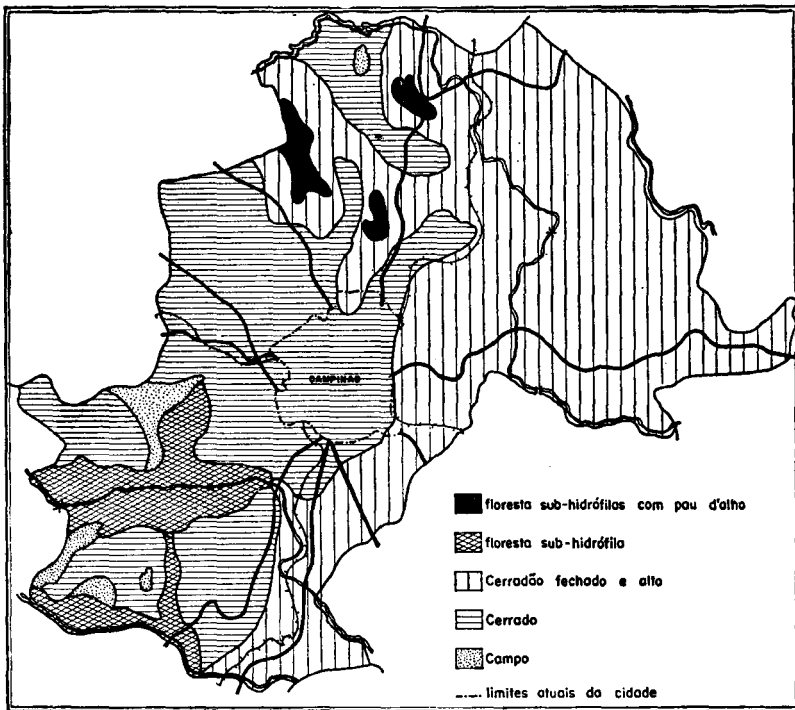


Fig. Vegetação original do município de Campinas  
(adaptado cf. N. L. Muller)

A floresta latifoliada era o tipo de vegetação que recobria a maior parte do município, estando estreitamente relacionada com os solos provenientes das rochas pré-cambrianas e intrusivas básicas (figura anexa). A latifoliada tropical apresenta árvores de 30 m, com troncos grossos. Ocorria associada com a terra roxa legítima

(latossolo roxo), que apresenta perfis profundos e capacidade de retenção de água na estação seca. No mapa anexo está representada como floresta hidrófila, da qual *Nice L. Müller* (1947) descreve dois tipos:

“a floresta mais densa, a hidrófila com pau d’álho, que coincide com as terras roxas, e a sem pau d’álho, que estava relacionada com as terras barrentas”.

Nas áreas de rochas cristalinas, em solos que apresentam textura arenosa e pequena capacidade de retenção de água na estação seca, aparecia a floresta latifoliada tropical semi-decídua, menos densa e menos exuberante que a anterior. Também é chamada de cerrado, e *Setzer* (1942) descreve-a com sendo

“mata fechada sub-hidrófila de árvores muito altas mas, por ser o solo raso, muito finas para a sua altura (15 a 20 metros)”.

Nas matas de Campinas, *Jolumá Brito* (1956) nos lembra que era comum a presença de pau d’álho (*Gallesia gorarema*), peroba (*Aspidosperma sp.*), caviúna (*Dalbergia miscolobium*), sucupira (*Pterodon sp.*), jacarandá (*Dalbergia nigra*), jatobá (*Hymenaea courbaril*), cedro (*Cedrella sp.*), caneleira (*Nectandra sp.*), jequitibá (*Cariniana excelsa*), ipê (*Pratecoma sp.*), palmito (*Euterpe edulis*), cabriúva, taiúva, guarantã, etc.. Através desta relação, percebe-se a existência de espécies da floresta latifoliada tropical e dos cerradões.

O cerrado encontra-se representado na parte meridional do município de Campinas. A sua fitofisionomia é semelhante àquela encontrada em áreas melhor representativas, como a de Emas, embora sua densidade seja menor. Esta vegetação caracteriza-se por apresentar dois estratos bem distintos em sua estrutura. O estrato superior é composto por inúmeros arbustos e pequena quantidade de árvores que, em geral, não ultrapassam 10 metros. Nas proximidades de Viracopos, a oeste do aeroporto, este estrato forma cobertura quase fechada, enquanto na maior parte da região a referida cobertura é extremamente rala, com arbustos raquíticos e muito distanciados entre si, deixando espaço suficiente para se caminhar livremente. A luz solar penetra em largas áreas entre as árvores, e coa-se facilmente através de suas folhagens. Os troncos e galhos são muito retorcidos, recobertos por cascas grossas. O estrato inferior é formado por cobertura de gramíneas, representando verdadeiro tapete, cuja altura é inferior a 1 metro. Esta vegetação rasteira tem sistema radicular curto e sofre seca periódica durante o inverno. Ela é ecológicamente diferente do estrato superior, e a sua morte sazonal, transformando-se em manto de palha, é uma circunstância que faci-

lita a degradação do cerrado através das queimadas. A sua área de distribuição está relacionada com os interflúvios suavemente planos formados pelo recobrimento arenoso, principalmente onde êste se sotopõe aos sedimentos de origem glacial. A presença desta vegetação é característica das circunvizinhanças do aeroporto de Viracopos.

b). — *A ocupação humana*. Atualmente, nada mais resta das florestas originais, pois foram completamente devastadas pelos processos de ocupação. A primeira fase de ocupação humana efetuou-se nas áreas de relêvo suave da Depressão Periférica, ligada aos pousos e caminhos que demandavam o sertão, pelo abastecimento de gêneros alimentícios, e posteriormente à cultura canavieira. A feitura do primeiro caminho — o caminho dos Goiases — foi realizada em 1721, sendo franqueada ao público no ano seguinte. A partir de 1726-1730, com o refluxo das pessoas que abandonavam a mineração em declínio, surgiram as primeiras plantações de cereais. Em 1770 iniciava-se a cultura da cana-de-açúcar,

“que se adaptou muito bem às terras vermelhas de Campinas, desviando a atenção da cultura de cereais, que logo ficou reduzida ao plantio do necessário para os gastos do pessoal das fazendas e do bairro” (*Bergo*, 1944).

O seu crescimento foi rápido e em 1819 existiam cêrca de 92 engenhos de açúcar (*Brito*, 1956), tocados pelas águas dos ribeirões e pela lenha retirada das matas adjacentes. A demanda de combustível e de terras aráveis promovia o desaparecimento das florestas (*Bruno*, 1956). Quando de sua viagem à província de São Paulo, no começo do século XIX, *Saint Hilaire* percorreu de norte a sul o município de Campinas, informando que

“entre o Tibaia (*sic*) e a cidade de Campinas era sempre dentro da mata que se viajava, exceto uma clareira de *barba de bode* que atravessou. Campinas era uma cidade cerrada de matas por todos os lados” (*Saint Hilaire*, 1940).

Além da cidade, em direção ao sul,

“a estrada continua a atravessar a mata virgem que ... tinha começado a percorrer alguns dias antes, indo assim até o Capivari”.

Através dêsse relato, percebe-se que, se a ação antrópica havia começado a atuar, a sua influência ainda estava acantonada (1).

Porém, em 1836,

---

(1). — A propósito da fase açucareira na área de Campinas, encontramos em *Petrone* (1968) excelente relato, sendo trabalho de historiador com grandes implicações para o estudo geográfico. Todavia, não pudemos ainda utilizar os preciosos dados fornecidos por esta obra.

“abre-se para o município de Campinas uma nova etapa, com a introdução da cultura do café. Dá-se, então, um surto de povoamento que irá preferir, dessa vez, as terras do cristalino; instalaram-se aí fazendas com suas “colônias”, pequenos núcleos humanos separados por cafezais que, na época de maior esplendor, quase se tocavam. O café invadiu, depois, a parte ocidental do município, instalando-se nas manchas de terra roxas do triássico (*sic*) e mesmo em solos do permiano (*sic*), onde quer que o relevo permitisse escapar às geadas” (*Muller, 1947*).

A introdução do café é rica em conseqüências na modificação da paisagem natural; e mesmo

“quando não há café, o povoamento da zona cristalina traz a devastação das matas” (*Muller, 1947*).

*Emílio Zaluar*, que em 1860-1861 esteve na região, em plena época do apogeu da cafeicultura, fala de fazendas que praticavam a exploração da madeira com serrarias próprias (apud *Taunay, 1939*). A cultura cafeeira foi a nota predominante na paisagem das áreas cristalinas e em grande parcela das áreas sedimentares, por quase um século. A febre de sua expansão levou à ocupação de locais péssimos para a agricultura, com relevo íngreme, solos rasos e coalhados de matações.

Através dessa expansão desenfreada, o homem rompeu o equilíbrio bioclimático que aí imperava. Os métodos agrícolas empregados, arcaicos e rudimentares, não favoreciam a conservação dos recursos naturais, e os solos foram rapidamente diapidados. As zonas florestais, situadas sobre os solos melhores, foram destruídas e ocupadas. O esgotamento dos solos, as crises do café e a praga da broca levaram à capitulação da cultura do café, substituída pelas pastagens e eucaliptais, entremeados por raros capões de mata secundária, e por outras culturas. Por outro lado, os cerrados, ajustados a solos de qualidade inferior, de baixa fertilidade, foram deixados de lado. Embora degradados pela atividade pastoril, constituem os únicos vestígios da cobertura vegetal original. Atualmente, graças à valorização das terras e à evolução das técnicas,

“os solos do cerrado vêm sendo melhorados e gradativamente utilizados, notando-se o plantio de café, citros e outras culturas. Grande parte, porém, permanece sem cultivo” (*Zingra Amaral, 1964*).

\* \*  
\*

BIBLIOGRAFIA.

- AB'SABER (A. N.) e BERNARDES (NILO). — *Vale do Paraíba, Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo*. Guia de Excursão nº 4 do XVIII Congresso Internacional de Geografia, Conselho Nacional de Geografia, 303 págs. 1958, Rio de Janeiro.
- AMARAL (ÁLVARO ZINGRA DO). — *Distribuição e características da cultura cafeeira no município de Campinas levantadas pela fotointerpretação*. Bragantia, vol. 23, nº 21, pág. 271 a 279, 1964, Campinas.
- AMARAL (PLÍNIO DO). — *Campinas*. Monografia editada sob os auspícios da Prefeitura Municipal, 80 págs.
- ALMEIDA (FERNANDO F. M. de). — *Os fundamentos geológicos do relêvo paulista*. Boletim nº 41 do Instituto Geográfico e Geológico, pág. 165 a 279, 1964, São Paulo.
- BERGO (MÁRIA ESTELA DE ABREU). — *Estudo geográfico da cidade de Campinas*. Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia, vol. III, pág. 641 a 694, 1944, Rio de Janeiro.
- BRITO (JOLUMÁ). — *História da cidade de Campinas* (1º volume). Edição do Autor, 182 págs., 1956, Campinas.
- BRUNO (ERNANI SILVA). — *O segundo ciclo paulista do açúcar*. in "Fôlha da Manhã" de 25-11; 2, 9 e 16-12-1956, São Paulo.
- CHRISTOFOLETTI (ANTÔNIO). — *O fenômeno morfogenético no município de Campinas*. Notícia Geomorfológica nº 16, pág. 3 a 97, 1968, Campinas.
- MONBEIG (PIERRE). — *A divisão regional do Estado de São Paulo*. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. I, pág. 19 a 36, 1946, São Paulo.
- MULLER (NICE LECOQ). — *Paisagens rurais no município de Campinas*. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros, vol. II, pág. 54 a 66, 1947, São Paulo.
- PETRONE (MÁRIA THEREZA SCHÖRER). — *A lavoura canavieira em São Paulo*. Difusão Européia do Livro, 244 págs., 1968, São Paulo.
- SAINT HILAIRE (AUGUSTE DE). — *Viagem à província de São Paulo*. Companhia Editora Nacional, 1940, São Paulo.
- SETZER (JOSÉ). — *O estado atual dos solos no município de Campinas*. Revista Brasileira de Geografia, ano IV, nº 1, pág. 39 a 62, 1942, Rio de Janeiro.
- TAUNAY (AFONSO DE E.). — *História do café no Brasil*. Departamento Nacional do Café, 15 volumes, 1939, Rio de Janeiro.
- ZALUAR (A. EMÍLIO). — *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-61)*. Edições Cultura, 1943, São Paulo.